

Variações linguísticas no comportamento oral e escrito

Dulce REBELO
(Fundação Calouste Gulbenkian)

A língua apresenta especificidades que não são apenas do domínio linguístico.

Prosódia, gestos, movimentos do corpo, ocupação do espaço entrelaçam-se na interacção da comunicação verbal entre interlocutores.

A actividade verbal engloba dois processos: produção – falar – e percepção – ouvir – que constituem as modalidades do oral.

Directamente relacionadas com a oralidade surgem as modalidades da escrita: produção – escrever – e percepção – ler.

As modalidades do oral são do domínio da aquisição e as modalidades da escrita fazem parte da aprendizagem.

Embora o oral e a escrita partilhem o mesmo léxico e a mesma sintaxe, não utilizam estes recursos da mesma maneira.

A fala caracteriza-se por ruptura de construção, repetições de palavras, sintaxe incompleta, e enunciados interrompidos, frases que ficam em suspenso, onomatopeias e outros ruídos difíceis de descodificar.

Se atendermos ao modelo canónico da frase escrita e o acompanharmos com o oral, verificamos que o discurso não se caracteriza por uma sequência de sintagmas, que se encadeiam entre si de acordo com as regras gramaticais conhecidas.

Mas, apesar de todos estes acidentes ao nível linguístico, habitualmente eles não impedem que os interlocutores comuniquem entre si sem qualquer dificuldade de compreensão.

Vejamos o seguinte texto¹ :

A: olhe, uma coisa que ontem fiquei pasmada foi numa aldeia, ali para perto de macedo, estava lá uma senhora a fazer o seu *crochet*, à porta, e nós estivemos a falar com ela, e ela disse que tinha trinta e nove anos e eu pensei que ela tinha cinquenta e tal...

X: é, é.

B: é verdade

A: fez mesmo impressão...!

X: envelhecem muito (...)

A: uma pesso[a] ...é, é, é...

B: é uma coisa...!

C: mas olhe, mas... mas são muito, em contrapartida são muito mais saudáveis do que nós.

A: ai, acredito...!

B: é bem possível.

C: muito mais saudáveis do que nós.

X: quer dizer, são, é o género curtido, não é?

C: é, exactamente, exactamente, exactamente, é curtido (...)

A: é precisamente. é isso mesmo: é curtido. é, é.

C: por exemplo, um...

A: deve ser as soalheiras e...

X: é isso. Às vezes vêem-se caras que se vê que foram mulheres que arranjadas e, e com a pele tra[tada] que eram bonitas inda há pouco eu fui ao médico e estava uma mulher – era, devia

ser de freixas -ela tinha não sei quantos filhos, disse assim: "tu devias ter sido linda!" pois estava... mesmo...

A: muito acabada

X: muito acabada

C: então porque também elas fazem o trabalho na aldeia, que um homem não faz na vila, que um homem não faz na vila!... ou na cidade.

B: pois, pois, pois... é isso.

Creemos que o excerto escolhido ilustra bem o que avançámos: palavras inacabadas, repetições das expressões ("exactamente") ou de frases ("que um homem não faz na vila") pelo mesmo interlocutor (C) ou por outro (C' e X), frases inacabadas: "por exemplo, um..." (C'), "deve ser as soalheiras e..." (A). Após a repetição de "muito acabada" (A) o diálogo é retomado pela expressão "então" (C). Os aspectos revelados não prejudicam a compreensão do discurso pelos vários intervenientes, mas outros factores influem nesta comunicação directa:

- A situação dos interlocutores frente a frente, o que facilita a percepção da articulação da fala.
- A visibilidade dos movimentos do rosto, das atitudes, dos gestos de cada um dos interlocutores.
- A entoação, as pausas, os silêncios que modulam a cadeia falada.
- Os saberes individuais, as experiências do mundo, o estatuto social dos locutores e o contexto específico em que se desenvolve esta conversação.

Mas o oral, meio de comunicação, também é um meio de aprendizagem.

Falar para aprender

A língua está em movimento contínuo e conforme os locais onde se desenvolve e as pessoas que a falam assim vai adquirindo formas variadas que, se a um lado podem contribuir para o seu enriquecimento, a outro lado podem provocar certa perplexidade.

Algumas das características encontradas são de relevar:

- evolução do léxico, dada a necessidade de adaptação à vida moderna, ao uso de novas tecnologias e à mundialização, e que é de apreciar.
- alterações fonológicas, quer pela troca de fonemas, eliminação ou adição, o que merece atenção cuidada.
- movimentos gramaticais contraditórios, em que se eliminam certas formas verbais umas vezes, e outras vezes se assiste a uma liberdade sintáctica que tende a generalizar-se cada vez mais.

A fala adquire-se nos primeiros anos de vida no ambiente familiar, e assim o pequeno falante ao entrar no universo escolar conhece a sua língua apenas sob o aspecto acústico, que está em relação directa com a maneira como os sons são articulados.

Os sons que ouvimos (criança, adulto) são o resultado das diferentes posições dos órgãos articulatórios que modulam o ar passando pelas cavidades.

Como sabemos, cada grupo de sons é mais ou menos audível segundo as características que o definem.

Lembremos que em português as vogais ditas abertas são os sons mais audíveis: [a] , [ɛ] , [ɔ]

As consoantes fricativas são as menos audíveis, devido às suas características de ruído: [f], [v], [s], [ʃ], [z]

Note-se que surgem variações, devido à confusão de sons, tais como:

bota por vota

vaca por faca

As consoantes oclusivas, formadas por um silêncio na oclusão, não permitem que qualquer onda sonora alcance o ouvido do receptor. Como consequência encontra-se variedade de formas usadas por crianças ou adultos que evidenciam confusão entre os fonemas da língua.

Alguns exemplos:

t → f, p

• folha em vez de trolha

• palha em vez de talha

b → g, d

• bata em vez de gata

• dote em vez de bote

p → d

• data em vez de pata

g → k, b, l

• cato em vez de gato

• bola em vez de gola

• alhuentar em vez de aguentar

Isto significa que na escola os falantes terão de aprender a articular correctamente os sons e a correlacionar essa articulação com a percepção dos sons pronunciados no contexto da palavra, dados os aspectos específicos que vimos a sublinhar.

É de recordar aqui o estudo de V. Cabral e Delgado Martins (1980). Um teste de percepção de sílabas compostas por consoante + vogal (CV), sem qualquer significação em português, e obtido pela combinatória de cada uma das 19 consoantes com as vogais orais, deu resultados muito diferenciados. Cada consoante foi testada com 9 vogais duas vezes por 55 sujeitos num total de 990 respostas (1 consoante + 9 vogais + 2 listas de palavras X 55 sujeitos).

Os dados obtidos mostram 338 variações de identificação de consoantes (feita por 98% dos sujeitos) e 312 variações de identificação de vogal (feita por 83% dos sujeitos). Este trabalho confirma a irregularidade das características acústicas das consoantes oclusivas. É, portanto, um factor a ter em conta em situação de aprendizagem, a fim de prevenir casos futuros.

Na fala há ainda a considerar que cada fonema tem uma duração e uma intensidade segundo a sua posição em relação ao acento da sequência (tónico, átono, pré-tónico ou pós-tónico) e em função da sua posição na palavra e na frase.

Tendo um valor distintivo, o lugar do acento é importante, pois pode alterar o sentido da palavra.

Exemplos:

- a) O polícia saiu a correr.
- b) Todos os dias o agente da autoridade policia o bairro.
- c) O público afluíu numeroso ao espectáculo.
- d) Não publico qualquer artigo há muitos anos.

Delgado Martins (1986:180), partindo da análise de correlação entre duração de intensidade de frequência fundamental e a energia das vogais acentuadas nas palavras "explícito" (antepenúltima), "explícito" (penúltima) e "explicitou" (última), observa que a vogal da penúltima sílaba acentuada aparece ao nível da análise acústica como não tendo marcas de valores de parâmetros acústicos específicos, e que as vogais acentuadas da antepenúltima e da última sílabas revelam traços deste acento nos casos estudados, marcados pelo aumento do valor da duração e da energia.

Na vida corrente encontra-se variação de pronúncia devido à hesitação da posição do acento. É o caso de:

rúbrica em vez de rubrica

Actualmente é a palavra rubrica, acentuada na penúltima sílaba, a mais usada, tanto para a designação do nome como para a forma verbal.

A associação dos sons influi em cada elemento da palavra e está na origem dum tipo especial de redundância.

No oral a estrutura acústica é fundamental tal como a estrutura combinatória dos fonemas.

As sílabas no Português

As estruturas combinatórias mais frequentes contribuem para definir o contorno acústico geral da língua.

Todas as ocorrências das vogais ou das consoantes são distribuídas em 9 tipos silábicos, como se pode ver no seguinte quadro

	V	VC	CV	CVC	CCV	VCC	CVCC	CCVC	CCCV
N	522	123	3340	829	239	9	23	34	15
%	10,2	2,5	65,1	16,2	4,7	0,2	0,5	0,7	0,3

A sílaba CV é a mais frequente (65%) seguida das estruturas

- CVC (16%) : meter [m'ter]
- V (10%) : em /e /juízo
- CCV (5%) : graça
- VC (2,5%) : ciúme

As outras estruturas têm fraca representação.

A análise das sílabas sugere uma ordem de canonicidade em que a sílaba CV ocupa a posição mais elevada.

Note-se que ao referir-se a análise da sílaba há que considerar, segundo alguns autores (Fudge:1999), dois níveis de análise: a sílaba fonológica e a sílaba fonética.

Fudge esclarece que a sílaba fonológica não tem necessariamente relações directas com a pronúncia, embora informe sobre a compreensão das diferentes maneiras de falar uma língua.

A sílaba fonética representa a norma da pronúncia dum dialecto ou duma variedade da língua. Mas isto não implica que exista correspondência unívoca obrigatória entre estes dois tipos de sílabas.

A sílaba fonológica é uma formulação teórica cuja validação, segundo Fudge, deve respeitar dois princípios:

1. permitir a predição de tipos de fenómenos fonéticos possíveis
2. corresponder às intuições linguísticas dos falantes.

Nesta perspectiva, a sílaba fonológica é considerada como um elemento importante para se compreender a distribuição dos constituintes da sílaba fonética.

Os acentos

Qualquer falante da língua portuguesa conhece a existência das três posições possíveis de acento:

1. na última sílaba das palavras oxítonas [pá, cantar]
2. na penúltima sílaba das palavras paroxítonas [fala, porta, ave]
3. na antepenúltima sílaba das palavras proparoxítonas [dúvida, médico]

As palavras monossilábicas dividem-se em acentuadas ou tónicas [pé, pó, paz] e não acentuadas ou átonas [de; cem]. Estas palavras pertencem a classes morfológicas características:

- classe dos artigos [o, a]
- classe das preposições [de, em]
- classe das conjunções [ou, e]

A classe dos pronomes induz um certo número de formas chamadas clíticas que não possuem acento [o, a, lhe].

As palavras acentuadas na penúltima sílaba são as mais frequentes seguidas das oxítonas. O acento proparoxítono constitui um grupo pouco numeroso na nossa língua.

Há assim uma ordem de canonicidade, o acento paroxítono, e uma ordem de instabilidade, o acento proparoxítono.

Estes dois aspectos estão na base das variações de pronúncia e ortográficas.

Se se tiver em conta a distribuição melódica das sílabas, alternando sílabas fortes e fracas, pode-se compreender que a sílaba fraca será um ponto de variação mais frequente do que a sílaba acentuada.

Uma palavra como menino pode ser pronunciada [minu] com apagamento da vogal da primeira sílaba.

Aprendizagem da escrita

A aprendizagem da língua escrita pressupõe um falante que possui representações semânticas e fonológicas da sua língua materna e aptidões que lhe permitem relacionar as representações fonológicas e semânticas com as representações ortográficas correspondentes.

Assim, a aprendizagem da escrita implica um processo em que intervêm em simultâneo três elementos fundamentais:

- um sistema sonoro: as representações fonológicas;
 - um sistema gráfico: as representações ortográficas;
 - um aprendente que constroi e reconstrói as relações entre os dois sistemas enunciados.
- [Alvarenga:1993]

É importante ter em consideração que no português a relação entre as representações fonológicas e ortográficas não é unívoca.

Um mesmo fonema pode ser representado por diferentes grafias.

Lembremos o caso exemplar do som [s] representado por diferentes grafias:

	S	[sapo, ensino]
	SS	[tosse, vassoura]
[S]	C	[cedo, doce]
	Ç	[calçado]

Na produção escrita podem surgir assim variações.

Em textos de aprendentes (entre os 7 e os 15 anos) surgem grafias tais como:

1. Não osso (em vez de ouço) o que diz meu irmão.
2. A música do maestro foi apresentada em conserto (em vez de concerto).
3. Na quinta do João há um pôsso (em vez de poço).

Várias hipóteses explicativas têm sido avançadas quanto a estas variações nos domínios da linguística, da psicologia, da pedagogia, e um dos aspectos frequentemente focado neste último domínio reporta-se a esta correspondência complexa entre o oral e a escrita o que cria dificuldades.

A psicologia centra a sua atenção nos mecanismos mentais do aprendente procurando, mediante modelos de aprendizagem da escrita, facilitar o seu acesso ao novo código.

Mas, tendo em conta que o aprendente é um sujeito com capacidade cognitiva, experiência linguística, vivência psicológica e capacidade, como se disse, para relacionar representações fono-semânticas e respectivas representações ortográficas, há que atender também às estruturas linguísticas produzidas pelos sujeitos, que são o reflexo das suas representações da língua.

Variações de acento e silábicas

Os aprendentes não se limitam a assimilar o código, a aprender as convenções ortográficas da sua língua.

Eles são os autores das suas próprias convenções ortográficas a partir de índices parciais, sob influência de situações e de padrões de reforço a que estão sujeitos. As suas construções linguísticas são o resultado duma elaboração intensa, produtiva e dinâmica. Elas resultam da aplicação de numerosas hipóteses implícitas.

Indica-se a seguir alguns exemplos de variações relacionadas com a posição do acento e a composição das sílabas.

Palavras proparoxítonas que são reduzidas a paroxítonas

Representação	Redução
Título	*tittle
Fósforo	*fosfro
Árvore	*arvre / *arve
Óculos	*oclos
Véspera	*vespra
Brócolos	*broclos / brocos
abóbora	*abobra

O apagamento das vogais átonas conduz à redução do número de sílabas. Mas não são apenas factores silábicos que explicam a variação, pois há palavras proparoxítonas que nunca são reduzidas, como, por exemplo: lágrima, âncora, médico.

A outra variante da palavra brócolos (brocos) pode ser interpretada como tendência para reconstruir a sílaba canónica CV.

Contrariamente à redução surge a ressilabação como tendência para estabelecer certa regulação.

Exemplos:

flore (flor)
peresunto (presunto)
pereto (preto)
feralda (fralda)

As variações de pronúncia ou de escrita permitem reconstruir o caminho cognitivo dos aprendentes que realizam um esforço no sentido de se aproximarem da estrutura silábica canónica CV e da estrutura do acento canónico paroxítono.

Outras variações se apresentam, tais como:

meza (mesa)
mãi (mãe)
caza (casa)

Estas variações provêm de mudanças da convenção ortográfica ao longo do tempo.

Note-se ainda as seguintes variações

trōba (tromba)
responderão (para a forma verbal responderam)
cotemte (contente)

Neste caso assinala-se que existe uma classe de convenção cuja utilização é controlada por regras ortográficas.

Assim, a representação ortográfica do traço nasal antes de "p" ou "b" é um "m" (ex: campo, tromba), e no final dos morfemas nominais é um til: (ex: maçã, campeã)

Na terminação das formas verbais só existe a forma "m" [calam, disseram] excepto nas formas verbais do futuro (falarão)

Nos outros casos, a representação gráfica "n" é a mais frequente [vento, contente].

A variação "responderão", acima citada, não respeita esta regra, tal como a mudança de "n" para "m" na segunda sílaba das palavras "vento", "contente" indica uma violação da convenção citada.

Vejam outras variações:

vazer (fazer)

jamar (chamar)

magaco (macaco)

Estas variações provêm de problemas ligados à percepção auditiva e visual. As variações ortográficas provêm igualmente da confusão auditiva e articulatória. Os exemplos dados mostram a oposição entre os traços fonológicos surdos e sonoros:

f / v

[ʒ] j / ch [ʃ]

[k] c / g

- A análise das variações registadas, quer ao nível silábico, quer ao nível da posição do acento, revela-nos que:
- Relativamente à composição silábica se pode estabelecer uma escala de canonicidade em que tem primazia a sílaba CV.
- Vários tipos de variações ortográficas reflectem o esforço dos sujeitos para se aproximarem da sílaba canónica CV.
- Nas estruturas silábicas que se afastam das estruturas canónicas é maior a probabilidade de instabilidade pelo que a frequência de ocorrência de variações aumenta.
- Os acentos em português dividem-se segundo a seguinte ordem de frequência: paroxítonos > oxítonos > proparoxítono.
- Quanto mais uma estrutura é canónica, mais ela está disponível e acessível na memória dos sujeitos.

Assinale-se, ainda, que as variações traçam o percurso dos aprendentes na aprendizagem do código escrito ou evidenciam instabilidades ao nível do código oral, susceptíveis de evoluir no sentido de maior domínio da língua. Mas o grau desta evolução depende também de outros factores sociais, económicos, culturais que influem directamente nas construções linguísticas individuais.

Notas

- ¹ Texto 1020, pp. 247-248, Doc^{to} I – Português Fundamental, C.L.U.L., INIC., 19 vol. - 1987.

Bibliografia

- ALVARENGA, D. (1993) Variations orthographiques, Temps d'identification et apprentissage de la langue écrite portugaise. Thèse de Doctorat, Université de Paris VIII.
- CABRAL, V. e DELGADO-MARTINS, M. R. (1980) "A percepção da fala: alguns dados experimentais sobre as consoante do Português". Separata da *Revista Portuguesa de Psicologia*, nºs 14/15/16, Lisboa.
- DELGADO-MARTINS, M. R. (1986) *Sept études sur la perception*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- DELGADO-MARTINS, M. R. (1988) *Ouvir falar. Introdução á Fonética do Português*, Lisboa, Caminho.
- DELGADO-MARTINS, M. R. (1992) "Perspectiva teórica, linguística e cognitiva", *Documentos sobre os Novos Programas de Português*, Lisboa, Colibri.
- DELGADO-MARTINS, M. R. (1992) "Eu falo, tu ouves, ele lê, nós escrevemos" in *Para a Didáctica do Português*, Lisboa, Colibri.
- FUDGE, E. C. (1999) "Syllables", *Journal of Linguistics*, 5, pp. 253-286.
- MATEUS, M. H. M.; BRITO, M.; DUARTE, I. e FARIA, I. H. (1989) *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- PRUDÊNCIO, C.; REBELO, D.; ATALAIA, L.; COSTA, M. C. C.; MARQUES, M. C. L.; NAMORADO, M. L. E. MARTINS, M. R. D. (1976), *Linguagem oral e ortografia*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- REBELO, D. (1986), "Contribution à l'élaboration d'un modèle de perception du discours" DIMED, Lisboa, Instituto Português de Ensino a Distância.
- REBELO, D. (1989), "Caractéristiques de la langue portugaise (orale/écrite) et son apprentissage», in *XIX Congrès International de Linguistique et de Philologie Romaniques*. Université de Santiago de Compostela.